

**VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENVOLVENDO ADOLESCENTES:
PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO E SAÚDE****VIOLENCE IN INTIMATE RELATIONSHIPS INVOLVING ADOLESCENTS:
PERSPECTIVES AND CHALLENGES FOR EDUCATION AND HEALTH****SILVA, Alexiane Mendonça da**

Instituto Federal de Pernambuco; alexiane.mendonca2@gmail.com

MAIA, Marcella Tibúrcio

Instituto Federal de Pernambuco; marcela_maia15@hotmail.com

MARÇAL, Maria Eduarda Almeida

Instituto Federal de Pernambuco; eduarda.marcal5@gmail.com

GOMES, Geraldo Henrique Xavier

Instituto Federal de Pernambuco; Henrique.gerald00@gmail.com

GONÇALVES, Cláudia Fabiane Gomes

Instituto Federal de Pernambuco; claudia@pesqueira.ifpe.edu.br

Resumo

A violência nas relações de intimidade é apontada como uma questão de extrema relevância no campo da saúde. Estudos, acerca de diferentes tipos de abuso no relacionamento íntimo dos jovens, demonstram que uma percentagem significativa de adolescentes adota condutas violentas nas suas relações de intimidade. Em Recife foi realizado um estudo onde se observou que 19,9% dos adolescentes perpetraram algum ato de violência física e 82,8% de violência psicológica em seus relacionamentos amorosos no último ano. Desta forma, a pesquisa tem como objetivo promover estratégias de enfrentamento à violência nas relações de intimidade, com ações de intervenção através da educação para a saúde dos estudantes adolescentes do IFPE. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem metodológica quali-quantitativa transversal. Os dados foram coletados no IFPE no município de Pesqueira/PE entre participantes com idade de 15 a 19 anos. A coleta foi realizada por meio de instrumento anônimo e auto preenchível, composto pela escala CADRI e por questões fechadas. Dos 56 participantes, 21,4% relataram ter sido vítima de pelo menos um tipo de violência e 17,9% relataram ter perpetrado no mínimo um tipo. Nas intervenções, foi trabalhado a clarificação dos tipos de violência, a desconstrução de crenças, em que a naturalização e legitimação de alguns atos de violência “mais leves” são apontadas de forma relevante. A VRI na adolescência é um fenômeno frequente e há a necessidade de investimento financeiro em capacitações para os profissionais que assistem essa população, contribuindo para o combate e prevenção da VRI.

Palavras-chave: Saúde do Adolescente. Violência por Parceiro Íntimo. Educação em Saúde. Promoção da Saúde.

Abstract

Violence in intimate relationships is pointed out as a matter of extreme relevance in the field of health studies. Data of different types of abuse in the intimate relationships of young people demonstrate that a significant percentage of adolescents engage in violent behavior in their intimate life. In Recife, a study was carried out that found that 19.9% of the adolescents perpetrated some act of physical violence and

82.8% of psychological violence in their relationships last year. This study aims to promote strategies for coping with violence in intimate relationships, with interventions in health education among adolescent students of IFPE. This research is a descriptive and exploratory, qualitative and cross-sectional methodological approach paper. The data has been collected at IFPE in the municipality of Pesqueira / PE. Adolescents, aged 15 to 19 years, took part in the study. Data collection has been performed by means of an anonymous and self-filling instrument, composed of the CADRI scale and for closed questions. Of the 56 participants 21.4% they reported having been at least one type of violence and 17.9% reported having committed at least one type. In the interventions, a clarification was made about the types of violence, and the attempt of changing beliefs, in which the naturalization and legitimation of some "lighter" acts of violence are pointed out in a relevant way was performed. IRV in adolescence is a frequent phenomenon and there is a need for financial investment in training for the professionals that assist this population, contributing to the fighting and prevention of IRV.

Keywords: Adolescent Health. Intimate Partner Violence. Health Education. Health Promotion.

1 Introdução

A violência é considerada um grande problema de saúde pública, afetando milhões de pessoas mundialmente e causando danos físicos e psicológicos às vítimas e suas famílias, além de gerar altos gastos com serviços de saúde como emergência, assistência e reabilitação (MINAYO; ASSIS E NJAINE, 2011).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002, p. 5) define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Para melhor caracterização da violência, foi definida uma tipologia: a violência auto infligida (contra a si mesmo), a violência interpessoal e a violência coletiva (OMS, 2002). Um subtipo de violência vem ganhando espaço entre as produções científicas: a violência de gênero. Muitas vezes o termo é usado como sinônimo de violência contra a mulher, violência doméstica ou violência por parceiro íntimo. Independente da terminologia usada, esse tipo de violência baseia-se na desigualdade entre os sexos, onde as relações são hierarquizadas, colocando os indivíduos envolvidos em posição de submissão e superioridade, construída historicamente e culturalmente (BANDEIRA, 2014).

A violência por parceiro íntimo é definida como qualquer "Comportamento por um parceiro íntimo que cause danos físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores" (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013, p.7).

A Violência em Relações de Intimidade (VRI) geralmente é perpetrada pelos homens contra as mulheres, mas também pode ser praticada pelas mulheres contra

os homens, e também pode ocorrer entre pessoas do mesmo sexo, em que os envolvidos tenham algum tipo de relacionamento íntimo, como por exemplo casamento, “morar junto”, namoro ou ficada, independente da duração, sendo praticada por parceiros íntimos atuais ou ex-parceiros (MONTEIRO, 2015).

Os relacionamentos entre adolescentes podem ter diferentes significados, podendo ser denominados de namorar, ficar ou pegar, etc. Pode se estabelecer uma relação de afeto e confiança em relacionamentos mais duradouros, e em alguns casos a relação acontece sem compromisso, sem necessariamente haver envolvimento amoroso. No namoro e no ficar, ficam evidenciados os padrões de gênero que foram construídos ao longo da história, por meio do contexto sociocultural, que pode ser observado na forma que homens e mulheres vivem sua sexualidade e se comportam em seus relacionamentos (MINAYO; ASSIS E NJAINE, 2011).

Diante do exposto, objetivou-se promover estratégias de enfrentamento à violência nas relações de intimidade entre estudantes adolescentes do IFPE, ao constatar a necessidade da discussão sobre essa temática entre os alunos. Nessa fase da vida inicia-se os envolvimento afetivos e sexuais e os estudantes acabam por ser um público vulnerável a diversos danos. Além do envolvimento dos profissionais da saúde, é de extrema importância a parceria intersetorial no âmbito da prevenção. Tratando-se dessa temática, a principal colaboradora para o desenvolvimento de intervenções com adolescentes são as instituições de ensino.

2 Fundamentação Teórica

A violência no namoro muitas vezes não é percebida e parece ser algo normal, o ciúme que muitas vezes é expresso por meio de abusos físicos (tapas, puxões de cabelo, empurrões), e psicológicos (ameaças, humilhações, constrangimentos, isolamento dos amigos e/ou familiares) são considerados formas de demonstrar afeto (SANTOS, 2013).

A adolescência é encarada como uma fase de grande vulnerabilidade pelo fato de ocorrerem nesse período várias alterações significativas no desenvolvimento do jovem, podendo gerar grande instabilidade emocional. É nesta fase que os papéis de gênero se estabilizam e que os mitos sobre o romance e a intimidade são de alguma forma vivenciados.

Brancaglione e Fonseca (2016), realizaram um estudo em Curitiba, descrevendo a violência sofrida pelos adolescentes nas relações de intimidade, onde

A que mais prevalece é a psicológica, por 90%, a psicológica acompanhada de outras violências com 39,6% dos adolescentes, mas apenas 17,1% afirmaram cometer violência psicológica e sexual e 12,6% violência psicológica e física e 9,9% todas as naturezas de violência.

Segundo Sebastião, Alexandre & Ferreira (2010) em sua pesquisa, 95% dos jovens se envolveram como vítimas ou como agressores, em pelo menos uma situação de violência, nas suas relações de intimidade.

Em Recife foi realizado um estudo no qual se observou que 19,9% dos adolescentes perpetraram algum ato de violência física e 82,8% de violência psicológica em seus relacionamentos amorosos no último ano (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013). Em outro estudo mais recente, na mesma cidade, identificou-se que 19,2% dos adolescentes já tinham sido agredidos (as) pelo namorado (a), e que a violência mais frequente foi a verbal/moral (60,4%), seguida da física (28,3%), sendo que um mesmo participante pode ter sofrido mais de um tipo de violência. A maioria (26,7%) dos adolescentes agredidos afirmaram não terem desenvolvido nenhum sentimento em relação a agressão; 18,7% considerou normal; tiveram sentimentos de revolta, vingança e decepção de 18,7% a 16,0%. Após a violência, a maioria (40,0%) não tomou nenhuma atitude (pedido de apoio) e 36,0% terminaram o namoro (BESERRA et al, 2015).

3 Metodologia

O projeto foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira voltada para o diagnóstico situacional, para isso, foi desenvolvido um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quali-quantitativa, transversal. O campo de estudo foi o IFPE, Campus Pesqueira. Foi utilizada amostragem por conveniência, onde participaram adolescentes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar matriculado no Curso Integrado de Eletrotécnica, ter idade de 15 a 19 anos e ter ficado ou namorado, independentemente do tempo de duração da relação. A idade de 15 a 19 anos foi estabelecida como critério de inclusão por ser nessa faixa etária que a maioria dos adolescentes está envolvida em relações de intimidade (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011). Devido a faixa etária escolhida, a população estudada corresponde aos adolescentes matriculados no Curso Integrado de Eletrotécnica (200 alunos), nos períodos da manhã e tarde. Foi utilizado para coletar os dados instrumento anônimo

e autoaplicável, favorecendo assim o relato das situações de violência sem a necessidade de que o adolescente fosse identificado pelos pesquisadores, o que poderia inibir os participantes. O instrumento era composto pela escala Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI), criada por Wolfe et al (2001) e adaptada e validada para o português por Minayo, Assis e Njaine (2011), por questões fechadas, referentes às características dos participantes, aos tipos de relações de intimidade estabelecidas por eles e aos conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência, estas últimas criadas e validadas por Dixe e Fabião (2013). Realizou-se um pré-teste com 10 participantes com características semelhantes às da amostra estudada, não havendo necessidade de alteração no instrumento. A pesquisa atendeu aos requisitos propostos pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida ao comitê de ética e pesquisa em seres humanos do IMIP (CEP/IMIP), sob o parecer 44951015.3.0000.5201. A direção do Instituto também permitiu a realização da pesquisa. Os adolescentes menores de 18 anos somente participaram do estudo após a autorização do responsável legal, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinarem o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), os adolescentes maiores de 18 anos, também assinaram o TCLE específico para eles. Os dados foram tabulados e analisados no Excel 2007 e foram descritos por frequências absolutas e relativas, resultando em uma média.

A partir dos resultados obtidos, iniciou-se a segunda etapa, em que foram elaboradas ações de educação em saúde para minimização e prevenção da violência nas relações de intimidade entre os adolescentes, sendo realizadas palestras educativas, rodas de conversa e dinâmicas interativas. Devido à dificuldade de conciliar os horários das turmas participantes do projeto e dos extensionistas, determinou-se que as intervenções seriam feitas com as turmas com maior prevalência de violência e maior naturalização da violência, sendo elas o 4º e o 2º período de Eletrotécnica. Foi abordada a temática por meio da discussão do conceito de violência e seus principais tipos: física, psicológica e sexual, os tipos de relações de intimidade, e as consequências que a violência pode acarretar. Posteriormente foram apresentados os resultados encontrados na turma. Também foi informado à eles sobre a rede de apoio (Unidades Básicas de Saúde, Hospital e Unidades de Pronto Atendimento, Delegacias, Conselho tutelar, Centro de Referência de Assistência Social e Centro de Referência Especializado de Assistência Social) e

telefones úteis (Central de Atendimento à Mulher: 180, Disque Denúncia: 181 e Disque Direitos Humanos: 100) para que pudessem solicitar ajuda caso necessário. Em seguida foi realizada uma dinâmica: foi solicitado que eles se dividissem em 2 grupos, então foram distribuídos entre eles frases que eles deveriam indicar se fazem parte de uma relação violenta. Para isso, eles colaram em um cartaz essas frases – então, foi feita a correção e discussão acerca das frases seguida do esclarecimento de dúvidas. Para verificar a efetividade da ação educativa e satisfação dos adolescentes foi entregue uma ficha de avaliação compostas por 3 questões fechadas para saber se eles se sentiam aptos para identificar uma situação de violência em suas relações de intimidade, se sabiam onde quem/onde procurar ajuda, o quanto a ação educativa foi importante, satisfatória e útil; e por fim, 1 questão aberta para que eles pudessem fazer um elogio, crítica ou sugestão.

4 Resultados e Discussão

Perfil dos adolescentes

Participaram do estudo 56 adolescentes, 32 do sexo feminino (57,1%) e 24 do masculino (42,9%). A média de idade dos participantes foi de 16,7 anos e todos os adolescentes eram brasileiros. Quanto à cor da pele, 51,8% se autodeclararam pardos, 28,6% brancos, 16,1% amarelos/indígenas e 3,6% pretos. Quanto à procedência, 75,0% era do município de Pesqueira, onde há uma grande população indígena residente, refletindo no percentual de adolescentes amarelos/indígenas. 26,8% viviam na zona rural, e 73,2% na zona urbana. Houve predomínio de católicos (57,1%) e que não tinham religião (21,4%). A maioria vive com o pai e a mãe, irmãos e irmãs (41,1%). A média do número de cômodos da casa foi 7,4, e média do número de pessoas que moram na casa foi 3,9. A maioria dos participantes não trabalha (90,7%), 7,4% trabalha, tendo a média de ganhos de R\$ 283,00. Em relação à escolaridade do pai ou responsável do sexo masculino, 38,9% concluíram o ensino médio e 35,7% da mãe ou responsável do sexo feminino concluíram o ensino superior.

Caracterização das relações de intimidade

Como podemos observar na Tabela 1, as relações de intimidade dos adolescentes apresentaram-se predominantemente dentro do espectro heteroafetivo. A média da idade em que eles começaram a “ficar” ou a namorar foi de 13,4 anos, e

a média do número de pessoas com as quais os participantes “ficaram” ou namoraram foi 10,7 pessoas.

A maioria (64,3%), dos adolescentes não havia tido relação sexual. Dentre os que tiveram, 52,6% afirmaram ter relações sexuais apenas com um (a) parceiro (a) fixo (a) e do sexo oposto.

Tabela 1. Características das relações de intimidade estabelecidas pelos adolescentes

Variáveis	N	%
Já “ficou” ou namorou com pessoa		
De sexo diferente	46	82,1
Do mesmo sexo e de sexo diferente	6	10,7
Do mesmo sexo	4	7,1
Teve relação sexual		
Sim	20	35,7
Não	36	64,3
Atualmente tem relação sexual com		
Apenas com um (a) parceiro (a) fixo (a)	10	52,6
Com parceiros (as) não fixos (as)	6	31,6
Com um (a) parceiro (a) fixo (a) e com parceiros (as) não fixos (as)	3	15,8

Fonte: Dados da pesquisa

Solicitou-se aos participantes que selecionassem uma pessoa com a qual tivessem “ficado” ou namorado: 50,9% escolheram responder sobre a pessoa com quem estavam namorando ou “ficando”, 27,3% escolheram com quem haviam ficado ou namorado há menos de um ano e 21,8% selecionaram a pessoa com quem haviam ficado ou namorado há mais de um ano, nenhum participante respondeu sobre quem estavam noivos ou casados ou alguém de quem já foi noivo ou casado.

Em relação à idade do parceiro selecionado, eles eram mais velhos em 53,6% das relações, 28,6% têm ou tinham a mesma idade que o parceiro e 17,9% eram mais novos. Houve predomínio de relações heteroafetivas (87,5%). Quando questionados sobre a frequência de discussões ou brigas com os parceiros, a maioria dos adolescentes relatou discutir ou brigar poucas vezes (42,9%) ou nunca (33,9%), 16,1% disseram que isto ocorria muitas vezes e 7,1% sempre.

Caracterização da VRI

Dos 56 participantes, 21,4% relataram ter sido vítima de pelo menos um tipo de violência e (17,9%), relataram ter perpetrado no mínimo um tipo (Tabela 2). Estes percentuais encontram-se próximos aos de um estudo realizado em Recife, onde 19,2% foram vítimas de violência e 22,7% agrediram seus parceiros (BESERRA et al, 2015). Entretanto, outros estudos obtiveram um valor muito alto, como o de Brancaglione e Fonseca (2016), onde 90,1% foram agredidos e 91% perpetraram a violência, essa discrepância pode ter se dado devido à quantidade da amostra ter sido pequena em relação a esse estudo. A tabela 2 mostra os tipos de violência perpetrados e sofridos, a violência psicológica foi a mais prevalente em ambas as situações, seguida da violência física e por fim, a sexual. Em outros estudos a violência psicológica também se apresenta como a mais prevalente, dentre esse estudo, um identificou que 80,6% referiram sofreram violência psicológica, e em relação à perpetração da mesma, 75,0% a praticaram (GOMES, 2017). É importante destacar que em alguns casos foi sofrido e perpetrados simultaneamente a violência física e psicológica, entretanto a violência sexual não foi citada junto a outro tipo.

Tabela 2. Violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade

Variáveis	N	%
Foram vítimas de violência		
Sim	12	21,4
Não	44	78,6
Tipo de violência sofrida		
Física	2	15,4
Psicológica	10	76,9
Sexual	1	7,7
Perpetraram violência		
Sim	10	17,9
Não	46	82,1
Tipo de violência perpetrada		
Física	3	25,0

Psicológica	8	66,7
Sexual	1	8,3

Fonte: Dados da pesquisa

A partir dos resultados encontrados neste estudo e na literatura, compreende-se a importância de promover estratégias que tragam uma reflexão a respeito da não naturalização da violência nas relações de intimidade. Para tanto é necessário que tantos adolescentes como também os adultos que lidam com eles, sejam educados sobre os impactos da violência nas relações de intimidade e sobre como identificá-la (KAUKINEN, 2014).

Intervenções para o enfrentamento da VRI

O enfermeiro deve participar ativamente no enfrentamento da violência, tendo um papel importante na educação em saúde nas escolas, onde ele poderá desenvolver programas de intervenção, para a prevenção, sinalização e acompanhamento das situações de violência, tendo como função orientar e supervisionar, intervindo com a transmissão de informações que orientem quanto a mudança de comportamentos para melhorar o estilo de vida tornando-o mais saudável. Sendo assim, a escola é um local privilegiado para intervenções, pois além de dispor de um grande público, atividades em grupo tendem a fortalecer a informação e enriquecer o debate (VENTURA, 2015).

Após a coleta de dados, tabulação e análise dos mesmos, deu-se início às intervenções, onde buscou-se atender as necessidades identificadas a partir do diagnóstico situacional. Realizou-se uma ação educativa nas turmas do 4º e 2º período, onde foi abordada a temática por meio da discussão do conceito de violência e seus principais tipos: física, psicológica e sexual, os tipos de relações de intimidade, e as consequências que a violência pode acarretar. Os resultados encontrados na turma foram apresentados fazendo com que os mesmos compreendessem a dimensão da problemática. Tendo em vista que além dos adolescentes estarem aptos para identificar casos de violência, é importante que os mesmos tenham conhecimento da rede de apoio para que possam solicitar ajuda após a identificação, para isso também foram informados sobre a rede e telefones úteis. A dinâmica realizada gerou uma discussão acerca das vivências cotidiana em suas relações de

intimidade, gerando uma reflexão sobre até que ponto certas atitudes podem ser consideradas normais e a partir de quando elas se tornam abusivas, fazendo com que os adolescentes chegassem à conclusão de que o diálogo e o respeito são a base para a construção de um relacionamento saudável. Após a ação, foi entregue uma ficha de avaliação para verificar a efetividade da ação educativa e satisfação dos adolescentes, assim como para saber se eles se sentiam aptos para identificar uma situação de violência em suas relações de intimidade, se saberiam onde quem/onde procurar ajuda, o quanto a ação educativa foi importante, satisfatória e útil, e também para que eles pudessem fazer algum elogio, crítica ou sugestão.

A escola representa um local importante onde ocorrem múltiplas aprendizagens e a formação das primeiras relações de intimidade, podendo também acontecer a disseminação de condutas e atitudes violentas, portanto, trata-se de um ambiente em que deve ser trabalhado essa temática, tendo os jovens não somente como alvos passivos das intervenções mas também como potenciais agentes ativos de mudança, capazes de disseminar informações e desconstruir mitos, refletindo sobre os efeitos benéficos ou prejudiciais dos seus comportamentos e atitudes, norteando sua tomada de decisão de forma responsável, repercutindo em todo o contexto e meio que o mesmo vive (CARIDADE E MACHADO, 2013).

É imprescindível a atuação da equipe multiprofissional além dos profissionais de enfermagem, para atuarem na prevenção e enfrentamento da VRI. Dentro dessa equipe destaca-se a importância também de psicólogos e pedagogos, além dos professores que estão diariamente em convívio com esses adolescentes e podem identificar e agir diante desse tipo de situação para elucidação dessa problemática.

Diante da experiência vivenciada durante a execução do projeto foram construídos conhecimentos multidisciplinares, pois além da temática central, que era a violência, também foi destacada a importância da educação em saúde, utilizando metodologias simples que facilitaram a aproximação do público alvo, contribuindo para o fortalecimento do vínculo o que favoreceu a maior participação dos adolescentes. A realização de uma pesquisa para subsidiar as intervenções foi de extrema relevância por oferecer o embasamento científico necessário para a elaboração de ações efetivas, sendo condizente com a realidade explorada.

5 Considerações Finais

A violência nas relações de intimidade na adolescência é um fenômeno frequente e faz parte da realidade de adolescentes de ambos os sexos e diferentes classes sociais, possuindo elevada magnitude e gravidade. As ações que foram realizadas abordando essa temática instigaram o pensamento crítico-reflexivo dos adolescentes permitindo assim, a construção de relações saudáveis.

Entretanto, estudos já confirmaram necessidade de maior investimento financeiro em capacitações para os enfermeiros e demais profissionais que assistem essa população. As informações sobre o enfrentamento da VRI ainda são muito limitadas, sendo necessárias ações de prevenção e cuidado, havendo maior integração dos setores. Essas medidas precisam ser inclusivas e amplas, fortalecendo assim as políticas públicas, contribuindo para o combate e prevenção da violência nas relações de intimidade.

Referências

- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília , v. 29, n. 2, p. 449-469, Aug. 2014 .
- BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 1, p. 233-243, Jan. 2013 .
- BESERRA, M. A. et al. Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe: Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 7, p. 91-99, 2015.
- BRANCAGLIONI, B. de C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 5, p. 946-955, 2016.
- CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**, Lisboa, v. 27, n. 1, p. 91-113, 2013.
- DIXE, M. A. C. R.; FABIÃO, J. A. S. A. O. **N (amor) o (im) perfeito: avaliação de resultados**. LEITÃO, M. N. C. et al. Prevenir a violência no namoro-N (amor) o (im) perfeito—Fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde-Enfermagem, p. 71-97, 2013.
- GOMES, L. F. R. **Violência no namoro na adolescência**. Tese de Doutorado. 2017.

KAUKINEN, C. Dating violence among college students: The risk and protective factors. **Trauma, violence, & abuse**, v. 15, n. 4, p. 283-296, 2014.

MINAYO, M. C. de S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MONTEIRO, A. S. C. **Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: As atitudes do jovens universitários acerca da violência no namoro**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Porto, Porto, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002..

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Pesquisa para a cobertura universal de saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2013.

SANTOS, J. C. S. M. **Concepções e percepções dos jovens em função do género**. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Coimbra, 2013.

SEBASTIÃO J.; ALEXANDRE, A.; FERREIRA, J. Adolescência, Violência e Género no Concelho de Cascais. **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**. Cascais, 2010.

VENTURA, M. C. A. A. **Violência no namoro: Crenças e autoconceito nas relações sociais do género. Modelo de intervenção em Enfermagem**. Tese. Coimbra, 2015.

WOLFE, David A. et al. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. **Psychological assessment**, v. 13, n. 2, p. 277, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global and regional estimates of violence against women prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. Geneva: World Health Organization, 2013.

Recebido em 19/05/2019.

Aprovado em 16/09/2019.

Publicado em 30/12/2019.